Dia 8 — São Ciríaco, São Largo e São Esmaragdo, Mártires

Logo que o imperador Diocleciano associou ao império Maximiano Hercúleo, que nascera em Sírmio no ano de 286, e logo que o novo imperador chegou a Roma, desejoso de acreditar seu reconhecimento a seu insigne benfeitor com alguma demonstração correspondente, presenteou-o com um magnífico palácio para o uso de seus banhos, que desde os alicerces mandou levantar à sua custa, o qual depois se chamou as Termas de Diocleciano e sempre se reputou o mais belo monumento da magnificência romana. Sendo todo o empenho do novo César lisonjear o gosto do velho Diocleciano, conheceu que não lhe podia fazer lisonja maior do que perseguir cruelmente os cristãos, a quem ele professava também um furioso ódio pessoal. E, considerando que o sangue dos mártires, em vez de exterminá-los, parecia fecunda rega que multiplicava seu número, resolveu persegui-los com outro novo gênero de suplício, tanto mais cruel quanto mais prolongado, em cuja surda violência, consumindo-se na obscuridade, se extinguiria o nome cristão em todo o âmbito do império. Ordenou, pois, que aquele soberbo edifício se erigisse à custa do suor dos cristãos, e condenou todos a que trabalhassem naquela obra.

Era espetáculo verdadeiramente digno da admiração do céu ver aquele prodigioso número de confessores de Cristo cavar os alicerces, acarretar a terra, levar a água, arrastar pedras de enorme peso, e tudo isto sem o menor alívio; pois, como o fim era que todos perecessem, mal se lhes dava o sustento preciso para manter-se. Com razão se pode dizer que aquele soberbo edifício foi obra do suor dos mártires; e talvez por isso, tendo perecido tantos outros, ou pelos incêndios ou pela voracidade do tempo, este só se conserva até hoje, convertido numa suntuosa igreja com a invocação de Nossa Senhora dos Anjos, que possuem os exemplares padres cartuxos.

Durante esta perseguição havia em Roma um cavaleiro chamado Trasão, cristão oculto e homem poderoso, que, compadecido do que padeciam os santos, determinou socorrê-los e aliviá-los em suas misérias. Pareceram-lhe muito a propósito para instrumentos de sua generosa caridade Ciríaco, Largo e Esmaragdo, cristãos zelosos e ainda ocultos, a quem o céu havia reservado para consolação daqueles pobres e aflitos fiéis. Comunicou-lhes seu intento e encarregou-os do cuidado de levar suas esmolas aos cristãos que trabalhavam naquele edifício. Era comissão perigosa, e conheciam muito bem nossos santos todo o seu risco; mas o zelo e a caridade os animaram a encarregar-se dela. Misturavam-se intrepidamente entre aqueles ilustres confessores; socorriam com liberalidade suas necessidades; e, aproveitando-se destramente da ocasião, animavam seu desalento e os alentavam à perseverança. Informado de seu valor, o papa São Marcelino quis ver

nossos santos; e, reconhecendo a eminente santidade daqueles heróis cristãos, ordenou diácono da Igreja romana a São Ciríaco, para proporcionar-lhe que pudesse atender também mais eficazmente às necessidades espirituais dos fiéis.

Elevado à nova dignidade, desempenhou com fruto o sagrado ministério. Não lhe ficavam atrás em zelo nem em fervor Largo e Esmaragdo; pelo que muito em breve todos três receberam o prêmio de sua caridade e de seus trabalhos. Apanharam-nos de repente quando iam carregados de víveres e de esmolas para repartir entre os cristãos e, conduzidos ao cárcere, foram condenados a trabalhar com eles nas Termas.

É inexplicável o gozo de nossos santos quando lhes intimaram a sentença. Pareceu-lhes que já tardava o ditoso momento em que haviam de ter parte nas fadigas e misérias de tantos confessores de Jesus Cristo, aumentando sua alegria a esperança de coroar os trabalhos e a vida com a glória do martírio. Com a ânsia de alcançar esta graça, eram a cada dia maiores os esforços de sua caridade e de seu fervor. Logo que se viram misturados com aquela santa e venerável tropa de servos de Deus, foi todo o seu anseio aliviar a todos o trabalho e carregar em grande parte o que cabia a cada um em particular. Não só carregavam com o cesto para levar a terra e arrastavam o carro para transportar as pedras, mas, vendo algum de seus irmãos ou sem forças pela velhice, ou desfalecido pela debilidade, ou oprimido pelo peso, logo lhe tomavam a carga às costas e assumiam por sua conta o labor que lhe correspondia. Levava às costas uma pesada carga Saturnino, um dos santos confessores, não menos venerável por sua virtude que por sua respeitável ancianidade e, abrumado com o peso muito superior às suas débeis forças, caía por terra a cada passo. Viram-no nossos santos e logo acudiram aos ministros do imperador, superintendentes da obra, suplicando-lhes que tivessem por bem que eles fizessem o trabalho que se havia encomendado àquele bom velho, pois era visível que não podia com ele.

Admirou os próprios ministros uma caridade tão heroica, e não acabavam de ponderar seu assombro ao ver a modéstia, o agrado e o anseio com que aqueles heróis se empregavam em aliviar seus irmãos. Mas, notando sobretudo aquela alegria com que se mostravam insensíveis a tão insuportáveis trabalhos, chegaram a crer que lhes infundia ânimo alguma força e virtude sobrenatural. Deram parte a Maximiano de sua admiração e do motivo dela, no geral dos cristãos; mas exaltaram sobretudo a heroica caridade de Ciríaco, Largo e Esmaragdo. Ouviu-os o bárbaro príncipe e, como só se distinguia pelo implacável e cruel ódio que professava à religião cristã, longe de abrandar-se com a relação de uma caridade tão poucas vezes vista, esta mesma notícia o fez entrar em maior furor e deu ordem de que prontamente fossem encerrados os três santos confessores num escuro calabouço, para serem condenados ao último suplício. Afligiu-os muito esta determinação, porque nem podiam aliviar, nem lhes era possível compartilhar os trabalhos de seus amados irmãos.

Mas não queria o Senhor deixar por muito tempo sepultada na obscuridade uma virtude tão benéfica. Acudiram a nossos santos alguns cegos; e, tendo-os abraçado São Ciríaco e feito sobre seus olhos o sinal da cruz, logo recobraram a vista. Correu a voz desta maravilha, concorreram muitos enfermos ao cárcere; e, querendo o Senhor premiar sua fé, todos foram ouvidos. Nenhum deixou de recobrar a saúde do corpo, e com ela a da alma.

Chegou ao palácio do imperador a notícia destes milagres no tempo em que uma filha de Diocleciano, chamada Artêmia, a quem seu pai amava ternamente, estava possessa do demônio, que a atormentava com a maior crueldade. Quis vê-la Diocleciano, e as violentas contorções a que a obrigava o espírito maligno lhe arrancaram lágrimas dos olhos, atravessando-lhe o coração, sem ter valor para ver por mais tempo aquele triste espetáculo; despedaçava-se o corpo, dava bramidos e gritava sem cessar que só se poderia ver livre daquele inimigo pela virtude de Ciríaco, diácono dos cristãos. Suspendeu por então o imperador todo o furor que tinha contra eles e mandou que logo fossem postos em liberdade Ciríaco e seus dois companheiros, e que lhes suplicassem da sua parte que tivessem por bem livrar daquele tormento sua querida filha. Moveram-se a compaixão os santos vendo o lastimoso estado da princesa e, fazendo oração por ela, mandou Ciríaco ao demônio que no mesmo instante deixasse livre o corpo daquela criatura. «Obedecerei (respondeu o espírito maligno), porque não posso resistir à onipotente virtude de Jesus Cristo; mas só sairei desta pousada para ir logo tomar outra na corte da Pérsia.» «Nada farás (replicou Ciríaco) que não seja para tua confusão e que não redunde em maior glória do cristianismo.» No mesmo ponto ficou livre dos demônios a donzela; porque, lançando-se aos pés do santo, declarou-lhe que cria firmemente em Jesus Cristo e queria ser cristã; resolução que por algum tempo se ocultou ao imperador, o qual, reconhecido ao serviço de Ciríaco, mandou que lhe dessem uma casa em Roma.

Ao mesmo tempo achou-se possessa do mesmo demônio a filha do rei da Pérsia, chamada Jóbia, e quis Deus que continuamente clamasse não poder libertar-se se não viesse sará-la o diácono Ciríaco, que estava em Roma. Amava o rei em extremo esta filha e, atravessado de uma vivíssima dor ao vê-la padecer tanto, não querendo omitir diligência alguma para seu remédio, despachou um embaixador ao imperador, suplicando-lhe que lhe enviasse Ciríaco sem perder um instante. Desejava o imperador comprazer ao rei da Pérsia, porque assim o pediam os interesses do Estado, e deu-se ordem a Ciríaco para que logo se pusesse a caminho com o embaixador, permitindo-se-lhe que levasse consigo seus dois companheiros. Fizeram por mar parte da viagem; e, saltando em terra, não foi possível fazer-lhes admitir a bagagem que se lhes dava para sua comodidade. Caminhavam os três a pé, com seus bordões nas mãos, sem dispensar-se de suas costumadas penitências, jejuando todos os dias, cantando louvores ao Senhor, enfim, como três apóstolos.

Logo que chegaram à corte do rei da Pérsia, ficaram gostosamente surpreendidos, vendo o monarca prostrado a seus pés e pedindo-lhes com lágrimas que tivessem lástima de sua querida filha. Prometeu-lhe Ciríaco que, se ele mesmo quisesse crer em Jesus Cristo, sua filha seria livre do demônio e juntamente com a fé receberia perfeita saúde. Tudo ofereceu e tudo cumpriu o príncipe. Fez oração nosso santo; mandou ao demônio que deixasse livre aquela donzela; obedeceu no mesmo instante; e assim o pai como a filha se converteram, recebendo o batismo com mais de quatrocentos gentios.

O tempo que se detiveram os santos na corte da Pérsia serviu não só para confirmar na fé os novos cristãos, mas para obrar a cada dia novas maravilhas e fazer novas conquistas para Jesus Cristo. Embarcaram quarenta e cinco dias depois para voltar a Roma, onde o Senhor tinha disposto coroar muito em breve seus trabalhos. Deixou-os viver em paz o imperador Diocleciano; e já se deixam imaginar os grandes bens que fariam entre os fiéis aqueles heróis da religião. Mas, tendo Diocleciano saído a visitar algumas províncias do império, e crescendo a cada dia mais o ódio e o

furor de Maximiano contra os cristãos, mandou prender nossos santos, com ordem a Carpásio de que não poupasse meio algum para reduzi-los a sacrificar aos deuses e, em caso de resistirem, que eles mesmos fossem sacrificados.

Causou-lhes tanto horror a mera proposta que se lhes fez de que renunciassem a Jesus Cristo, e mostraram-se tão indignados, que não se passou adiante em apertá-los mais; e, substanciado brevemente seu processo, foram sentenciados à morte. Mas, como Ciríaco não cessasse de pregar a Jesus Cristo, nem de publicar que os fingidos deuses do império eram verdadeiros demônios do inferno, mandou o juiz que lhe lançassem piche fervendo sobre a cabeça, tormento que sofreu com heroica paciência; e, prosseguindo em confessar e louvar a Jesus Cristo, estenderam-no no potro e quebraram-lhe os ossos a pauladas, sem que neste suplício se lhe ouvisse mais que exclamar continuamente: «Jesus meu, meu soberano Senhor, tende misericórdia de mim, pecador miserável e indigno da graça que me fazeis de padecer pela glória de vosso nome.» Assombrou aos próprios pagãos sua constância; e, noticioso de tudo Maximiano, mandou que se executasse a sentença e que se cortasse a cabeça a Ciríaco, Largo e Esmaragdo, juntamente com outros vinte mártires que tiveram parte na mesma coroa. Sucedeu seu martírio no dia 16 de março do ano 303. Foram sepultados seus corpos na via Salária, ou no caminho do Sal, que em algumas partes se chama o Caminho Saudável. Os de São Ciríaco, Largo e Esmaragdo foram, pouco tempo depois, trasladados pelo papa São Marcelo, sucessor de São Marcelino, a uma herdade de certa senhora cristã chamada Lucina, no caminho de Óstia, a um bom quarto de légua da cidade; e, como esta trasladação se fez a 8 de agosto, a Igreja escolheu este dia para celebrar sua festa.

Martirológio Romano

Em Roma, São Ciríaco, diácono, São Largo, São Esmaragdo e outros vinte mártires, que foram mortos na perseguição de Diocleciano e Maximiano, no dia dezessete das calendas de abril, ou seja, 16 de março. Seus corpos foram enterrados na via Salária pelo presbítero João. Mas no mesmo dia os trasladou o papa São Marcelo para a herdade de Lucina, no caminho de Óstia; depois foram levados à própria Roma e depositados na igreja chamada de Santa Maria in Via Lata, ou calçada larga.

Em Anazarbo, na Cilícia, São Marino, o qual, sendo muito idoso, foi, sob o imperador Diocleciano e o presidente Lísias, espancado, atado a um poste e dilacerado, e por fim lançado às feras, suplício em que morreu.

No mesmo lugar, São Eleutério e São Leônidas, mártires, que alcançaram o triunfo com o suplício do fogo.

Na Pérsia, São Hormisdas, mártir sob o rei Sapor.

Em Cízico, no Helesponto, São Emiliano, bispo, que, depois de ter padecido muito da parte do imperador Leão pelo culto das santas imagens, morreu por fim desterrado.

Na ilha de Creta, São Mirão, bispo, ilustre por seus milagres.

Em Vienne, na França, São Severo, presbítero e confessor, que empreendeu uma viagem penosa para pregar o Evangelho e, chegado à dita cidade, com suas pregações e milagres converteu à fé de Jesus Cristo uma multidão de pagãos.

Em Tréveris, Santa Ágapa, virgem.

Em Bordéus, São Mombolo, abade de São Bento do Loire.

Em Lucca, São Teodomo, venerado como bispo.

Em Passau, na Baviera, Santo Altmano, bispo.

Na Galiza, o venerável Rogério, da Ordem cisterciense, prior de Meira.

Em Vercelli, a bem-aventurada Hugolina, virgem.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua sanctorum martyrum tuorum Ciriaci, Largi et Smaragdi solemnitate lætificas: concede propitius, ut quorum natalitia colimus, virtutem quoque passionis imitemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano renovais nossa alegria com a festa de vossos santos mártires Ciríaco, Largo e Esmaragdo; concedei-nos a graça de que, ao mesmo tempo que celebramos o dia em que nasceram para o céu, imitemos também aquela fortaleza que mostraram em sua paixão. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da primeira do apóstolo São Paulo aos Tessalonicenses.

1 Tessalonicenses 2,13-16

>

> **Latim:** [13] Ideo et nos gratias agimus Deo sine intermissione : quoniam cum accepissetis a nobis verbum auditus Dei, accepistis illud, non ut verbum hominum, sed (sicut est vere) verbum Dei, qui operatur in vobis, qui credidistis : [14] vos enim imitatores facti estis, fratres, ecclesiarum Dei, quæ sunt in Judæa in Christo Jesu : quia eadem passi estis et vos a contribulibus vestris, sicut et ipsi a Judæis : [15] qui et Dominum occiderunt Jesum, et prophetas, et nos persecuti sunt, et Deo non placent, et omnibus hominibus adversantur, [16] prohibentes nos gentibus loqui ut salvæ fiant, ut impleant peccata sua semper : pervenit enim ira Dei super illos usque in finem.

Português: [13] Por isso he que nós tambem damos sem cessar graças a Deos: porque quando ouvindo-nos recebestes de nós-outros a palavra de Deos, vós a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo he verdade) como palavra de Deos, o qual obra em vós, os que crestes: [14] porque vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deos, que ha pela Judéa em Jesus Christo: por quanto as mesmas cousas sofrestes tambem vós da parte dos da vossa nação, que elles igualmente da dos Judeos: [15] os quaes tambem matárão ao Senhor Jesus, e aos profetas, e nos tem perseguido a nós, e não são do agrado de Deos, e são inimigos de todos os homens; [16] prohibindo-nos fallar aos Gentios, para que sejão salvos, a fim de encherem sempre a medida dos seus peccados: porque a ira de Deos cahio sobr'elles até o fim.

Nota

«Na opinião de São João Crisóstomo, a primeira epístola que escreveu o apóstolo São Paulo às igrejas foi a que dirigiu aos tessalonicenses; e crê-se que foi no ano 52 ou 53 de Jesus Cristo. Muitos são de parecer que se escreveu em Atenas; mas é mais verossímil que foi em Corinto, aonde foram buscá-lo Silas e Timóteo.»

Reflexões

Irmãos meus, demos incessantes graças a Deus, porque, tendo ouvido pregar sua divina palavra, não a ouvistes como palavra dos homens, mas, como o que é verdadeiramente, palavra de Deus. A mesma palavra é a que hoje se nos prega; mas ouvimo-la como palavra de Deus? Um dos maiores castigos com que Deus ameaça seu povo por meio do Profeta é que tirará a força e a virtude ao pão que lhe serve de alimento: *Auferam robur panis.* Se este pão chega a perder o gosto, se o acha insípido, se já não tem virtude para sustentar, é preciso cair num desfalecimento, num desmaio mortal. É a palavra de Deus o pão da alma; não faltam almas zelosas e caritativas que o distribuam; mas quem não dirá que se vê hoje executada no povo cristão a terrível ameaça do Senhor? Nunca se viram tantos pregadores; nunca se ouviram tantos sermões; e poder-se-á dizer

com igual verdade que tampouco se viram nunca tantas conversões? Mesmo aquelas pessoas que mais concorrem aos sermões não costumam ser as mais regradas. De que nascerá tão pouco fruto? De que esta divina semente não se recebe como palavra de Deus, mas puramente como palavra dos homens. «Quem é filho de Deus (dizia o Salvador) ouve a palavra de Deus; e por isso vós não a ouvis, porque não sois filhos seus.» Não há melhor sinal da robustez e do vigor de uma alma do que a fome desta divina palavra. Fala-nos Deus de diferentes maneiras: umas vezes, no fundo do coração, por meio de suas inspirações; desditoso aquele que se faz surdo a esta voz interior! Outras, fala-nos pelos bons exemplos; infeliz de quem não entende esta linguagem! Fala-nos por meio de outros mil acidentes da vida; triste de quem não sabe aproveitar-se deles! Mas o mundo, nossas paixões e nosso amor-próprio falam mais alto que Deus; fazem muito ruído e não nos deixam perceber o que aquele nos diz. Por desgraça nossa, a primeira linguagem que se ouve e que se aprende é a das paixões e do amor-próprio; passa-se toda a meninice e muitas vezes toda a juventude ouvindo esta algaravia; e quantos há que em toda a sua vida não falam outra linguagem! Pois que maravilha que não ouçamos a voz de Deus? Passa-se em meio ao mundo toda a vida; não se ouve outra coisa senão suas leis; todas as conversações são sobre suas máximas; para semelhantes pessoas a palavra de Deus é uma língua estranha que não entendem. Sendo tão diferentes o idioma do cristão e a linguagem do mundo, que muito é que não se entendam uns aos outros?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Marcos.

Marcos 16,15-18

> **Latim:** [15] Et dixit eis : Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ. [16] Qui crediderit, et baptizatus fuerit, salvus erit : qui vero non crediderit, condemnabitur. [17] Signa autem eos qui crediderint, hæc sequentur : in nomine meo dæmonia ejicient : linguis loquentur novis : [18] serpentes tollent : et si mortiferum quid biberint, non eis nocebit : super ægros manus imponent, et bene habebunt.

Português: [15] E disse-lhes: Ide por todo o mundo, prégai o evangelho a toda a creatura. [16] O que crer, e for baptizado, será salvo: o que porém não crer, será condenado. [17] E estes sinaes seguirão aos que crerem: Expulsarão os demonios em meu nome: fallarão novas linguas: [18] manusearão as serpentes: e se beberem alguma potágem mortifera, não lhes fará mal: porão as mãos sobre os enfermos, e sararão.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que, embora a fé seja virtude do entendimento, a falta dela é vício da vontade. Dizes que, se tivesses fé, já terias deixado esses ilícitos gostos; pois eu te digo que, se tivesses deixado esses ilícitos gostos, sem dúvida terias fé. Admiramo-nos de que muitas pessoas, por outra parte de bastante entendimento, desatinem obstinadamente em erros contra a religião, até defendê-los como dogmas. Desenvolvam-se bem os mistérios de seu coração; curem-se de suas ilusões, e ver-se-á que à mudança do coração segue-se imediatamente a conversão do entendimento. É certo que as névoas e as nuvens se formam no ar; mas todas provêm da água que está sobre a superfície da terra. A heresia reside no entendimento; mas sua origem e seus progressos nascem do coração. Começa-se a duvidar desde que se começa a viver mal; o primeiro passo para não ser bom católico é começar a ser mau cristão. O curso da fé segue de ordinário o dos costumes; quando estes se estragam, aquela se perde ou debilita. Não queremos que seja verdade aquilo que nos incomoda, quando se segue um caminho mais fácil e de maior comodidade. O coração escravo da paixão depressa corrompe e engana o entendimento. Da dúvida passa-se facilmente ao erro; e, uma vez que o orgulho, a impureza, a avareza, a vingança dominaram o terreno, já o entendimento não se aplica a combater suas ilusões, mas a sustentá-las e segui-las. Ó bom Deus, a quantos e de quantos erros desenganaria um pouco de reflexão num ponto que tanto nos importa! Em tão deplorável disposição, as verdades mais terríveis da fé consideram-se como preconceitos da infância e da educação. Inteiramente corrompido o entendimento pela malignidade do coração, constitui-se juiz soberano da fé e só toma o voto dos sentidos. Reciprocamente, o entendimento defere cegamente às inclinações naturais do coração; e o coração professa igual deferência às luzes naturais do entendimento, por escassas e limitadas que sejam. Tudo aquilo que a razão natural não alcança é condenado; nada se crê senão o que se sujeita à jurisdição de suas ideias. Mutuamente se servem um ao outro o coração e o entendimento. Depois disto, admiramo-nos de que em todos os tempos brotem tantos erros e tantas seitas, uma mais perniciosa que a outra. Busque-se-lhes a origem, que é muito fácil de encontrar, e achar-se-á que todas as heresias não tiveram outro princípio. E ainda se pode acrescentar que a diferença de dogmas nasceu da diversidade das paixões. Os heresiarcas, ou os cabeças daqueles cujos desvarios a Igreja está chorando há tantos anos, imprimiram o caráter de seu gênio e de suas inclinações, ou, para melhor dizer, comunicaram suas paixões à seita que produziam. Efeito foi de orgulho sua rebelião contra a Igreja e seu furor contra as verdades da fé; os novos sistemas de religião o foram de sua ambiciosa arrogância; e toda a base, todo o alicerce de sua moral saiu da pedreira de sua dissolução. Ó meu Deus, quanto importa conservar a pureza dos costumes, se se quer conservar a pureza da fé!

Segundo ponto

Considera que o mais infeliz de todos os estados é o de um cristão que crê pouco. A escassa luz que lhe restou basta-lhe para perder-se e não lhe basta para salvar-se. Mantinha-se livre a fé

quando os primeiros cristãos estavam aprisionados, e agora que estão livres, geme a fé aprisionada. Isto nasce de que as paixões ocuparam o lugar dos tiranos. De que provém a extrema, a lastimosa negligência em tudo o que pertence ao negócio da religião? De que a fé está apagada. É a paixão, apoderada já de um coração meio derretido com o relaxamento e a impureza, como o fogo aplicado a um lenho verde; levanta uma fumaça espessa que ofusca a razão e não a deixa ver os objetos sobrenaturais; pois até nos materiais e sensíveis nos cega a paixão. Que maravilha é que não nos deixe perceber os espirituais e divinos? Aquilo mesmo que retrai os maus atrai os bons; o que ofende os dissolutos consola os virtuosos; estes não acabam de admirar o que aqueles não podem crer. A Eucaristia, a Encarnação, a morte de um Homem-Deus, todos aqueles grandes mistérios em que tanta dificuldade encontra a fé dos maus cristãos inflamam mais e mais o amor dos regrados e dos fervorosos. Dizes que não podes compreender que meu Deus se abatesse até fazer-se homem pela salvação daqueles mesmos homens que tão mal se haviam de portar com Deus; mas, se tu o compreendesses, seria maravilha tão digna de admiração? Se Deus não pudesse fazer mais do que nós podemos conceber, seria Deus? Se o ser, que é próprio só de Deus, fosse acessível à débil e limitada compreensão do entendimento humano, seria um ser infinitamente perfeito e infinito? Quis Deus dar-se a conhecer ao homem unicamente por meio das luzes da fé; não há outra senda para a salvação nem outro caminho para a glória eterna. E, depois disto, sentir-se-ão grandes dificuldades em crer o que Deus revela? Mas que trabalho pode custar render nosso entendimento, sujeitá-lo como escravo à obediência de Jesus Cristo? Meu Deus, quão pouco entendimento há onde há falta de fé! Perdoai, Senhor, minha infidelidade, funesta origem de todos os meus descaminhos. Avivai minha fé, ressuscitai-a, e ela será a medida de minha penitência e de meu amor.

Jaculatórias

> *Domine, adauge nobis fidem.* Lc 17.

Senhor, aumentai-nos a fé.

> *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam.* Mc 9.

Creio, Senhor, creio; mas fortalecei esta minha fé.

Propósitos

1. Negar-se a crer o que a Igreja nos propõe é insigne loucura; mas será menor não viver segundo a lei que se crê? Em nossa religião, a fé tem igualmente por objeto a moral e o dogma. Facilmente se creria tudo o que se quisesse, contanto que a cada um se permitisse viver como lhe desse na veneta. Em nossa religião é necessário crer, mas também é necessário viver conforme ao que se crê. Esta é uma verdade muito importante, mas não apreciada por muitos. «Irmãos meus (diz o apóstolo São Tiago), se alguém disser que tem fé e não tem obras, de que lhe servirá? Acaso a fé só o poderá salvar?» A fé sem obras, acrescenta o mesmo apóstolo, é fé morta. «Mas dirá alguém: Tu tens fé, e eu tenho obras; mas, sem as obras, onde está a fé? Eu te mostro minha fé por minhas obras.» Esta é a linguagem que deves usar. Examina se tuas obras, se teus costumes, se teu proceder acreditam que tens fé. Não te atordoes nem te enganes num ponto tão essencial. Esta há de ser hoje, e por muitos dias, a matéria de tua meditação e de tuas frequentes reflexões; quando fizeres o exame da noite, pergunta-te se as ações daquele dia deram testemunho de tua fé. Este exercício bem observado bastaria para elevar-te em pouco à mais eminente santidade.

2. Já, graças ao Senhor, não está nossa fé exposta a provas muito dificultosas; cessaram os inimigos do nome cristão, e vivemos num tempo em que a religião cristã reina pacificamente, sem tormentos nem borrascas. Mas, ainda neste tempo de paz, não é necessário menos valor para declarar-se abertamente, em muitas ocasiões, verdadeiro cristão, fazendo descoberta profissão da lei de Jesus Cristo e das máximas do Evangelho. Guarda-te bem de envergonhar-te da virtude. Quando concorreres com os mundanos, não duvides um instante em condenar as máximas do mundo; defende em todas as ocasiões aqueles piedosos e devotos exercícios de que costumam fazer insípida zombaria os relaxados e os dissolutos. Faze muita estima de todos e pratica os que se ajustarem a teu estado; defende-os com prudência, persuadido de que não são os menos respeitáveis os mais simples; e, sobretudo, os que se dirigem a render à Santíssima Virgem o culto que lhe é devido.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:13 by Admin